

## *Romancista como vocação,* de Haruki Murakami

Tradução: Eunice Suenaga

São Paulo: Alfaguara, 2017. 1ª edição. 166 p.

Sandra Delmonte Gallego Honda

Mestra em Educação. Pós-Graduada em Literatura e Estudos  
Linguísticos pela Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP - Brasil  
sandra.tradu@gmail.com

Haruki Murakami é considerado um dos autores mais importantes da atual literatura japonesa. Tem suas obras traduzidas para mais 50 idiomas e é ganhador de prêmios importantes da Literatura. Aos 29 anos escreveu seu primeiro livro *Ouça a canção do vento* que venceu o prêmio literário de uma importante revista japonesa em que foi publicado. Depois disso, não parou mais de escrever.

Murakami transita em vários estilos narrativos: ficção, ensaio e reportagem, mas é no romance que ele prefere se debruçar por considerar vital para ele. Em especial nesse livro, o escritor fala sobre generosidade, o início de sua carreira, a relação turbulenta entre autores e prêmios literários, a originalidade, a inspiração, as formas de encontrar tempo para escrever, sua relação com a educação, seus personagens, seu público alvo e sua carreira no exterior.

O primeiro capítulo é acerca da individualidade do escritor, em que ele considera o relacionamento amistoso muito raro entre eles. Por outro lado acredita na generosidade que existe por parte dos romancistas que, segundo ele, acolhem, dão força e encorajam os artistas de outros meios por saberem que nesse meio não há concorrência. Segundo Murakami, escrever romance é fácil, difícil é se manter nesse ofício de escrevê-lo porque exige talento de seus criadores. Considera escrever romance um ato penoso e acredita que não seja para todas as pessoas já que, segundo ele, não tem trabalho com mais rodeios do que o romance e se o romancista não tomar cuidado, vai ficar parafraseando uma obra com a outra até que se torne “bonecas russas, aquelas que saem uma de dentro da outra e são todas iguais”. (p.14) Na opinião do escritor, para que um escritor consiga se manter como romancista, deverá passar por um aprimoramento para conseguir viver desse ofício.

No segundo capítulo, o escritor relata que começou sua carreira tardiamente, aos 30 anos, após ter ganhado o Prêmio Literário da Revista *Gunzô*, fazendo o caminho inverso: primeiro se casou, montou o próprio negócio, contraiu muitas dívidas e só mais tarde começou a faculdade. Diante disso sentiu a necessidade de escrever e escreveu seu primeiro romance, porém não gostou do resultado.

Foi em uma partida de *baseball* que teve o que ele chama de “epifania” e pensou que poderia ser um romancista. Isso ocorreu no momento em que o jogador bateu com o taco na bola, o som emitido por esse movimento fez com que ele tivesse essa sensação que nem ele mesmo consegue explicar. Da mesma forma, em outra época de sua vida, ele descreve uma manhã que, ao ser acordado com a ligação do editor da revista “*Gunzô*” foi informando que estava entre os cinco finalistas para o prêmio literário que leva o nome da revista. Saiu para caminhar e viu um pombo correio ferido e esse pombo tremia em suas mãos. Nessa hora ele sentiu que ganharia o prêmio.

Murakami não se considera nenhum gênio do romance, mas que hoje ele consegue viver bem com o que ganha como romancista.

No terceiro capítulo o escritor disserta sobre a relevância desses prêmios e enfatiza o prêmio Akutagawa confessando o alívio por nunca ter ganhado tal prêmio. Para Murakami, ganhar esses prêmios não significa que as obras sejam de qualidade, uma vez que o critério para indicação não seja esse. Porém é grato ao prêmio *Gunzô*, pois foi através desse prêmio que as portas do mundo literário se abriram para ele. Mas ficar entre os finalistas já lhe causava incômodo pela impossibilidade de evitar o assédio, já que ele mesmo se julga antissocial.

A respeito do Nobel e outros prêmios tidos por ele como importantes, o escritor diz que não existe um critério certo para a premiação, uma vez que entre os vencedores existem obras de boa a má qualidade. Murakami relata que ainda hoje é questionado sobre o prêmio Akutagawa e para isso ele responde que “o mais importante é que se tenha bons leitores. Nenhum prêmio literário, nenhuma medalha, nenhuma resenha favorável possuem significado substancial se comparados com os leitores que compram seus livros com o próprio dinheiro.” (p.40)

Murakami considera exagerada a relevância que dão ao prêmio e sente-se orgulhoso em poder sobreviver como escritor sem precisar ganhar o prêmio Akutagawa. E que, mesmo sem nunca ter ganhado, recebeu vários convites para participar de juris de prêmios literários, quais foram todos recusados. Para ele, um escritor precisa somente escrever obras de qualidade para seus leitores.

O quarto capítulo, vai apresentar conceitos do escritor acerca da originalidade. E essa é uma questão que ele mesmo considera difícil de responder. Para isso faz um paralelo com a música exemplificando com a estranheza causada com o surgimento dos Beatles e os Beach Boys e explica ao leitor que o motivo foi pelo som que ainda não existia no mundo musical. Murakami prossegue explicando ao leitor que, pelo fato de serem originais, as músicas dos Beatles ainda emocionam jovens de 15 anos, sua idade quando eles surgiram, e no entanto, a estranheza vai diminuindo com o passar dos anos, sem deixar de ser original e, assim, passa a ser um clássico.

Após exemplificar com a música, o escritor explicita ao leitor o que acontece com o escritor de romances quando esse é tido como “original”. Em sua opinião, esse escritor precisa se reinventar quando o assunto é a qualidade das obras, e é nessa reinvenção que alguns autores perdem seu brilho por não ter conseguido esse feito, o que não significa não serem bons.

O escritor relata as duras críticas que recebia cada vez que lançava uma obra e o quanto isso poderia impedir seu processo de reinvenção, mas que, hoje em dia, ele se considera um escritor livre e que essa liberdade foi adquirida por não precisar escrever seus romances com as regras e por ter seu estilo próprio de escrita, o que antes não era possível. Isso para ele é ser original. E ser original é ser livre.

No quinto capítulo o escritor fala aos leitores sobre novos escritores, relatando que sempre é procurado por eles para que lhes diga o que precisa ser feito para ser um bom escritor. Murakami sugere o hábito incansável da leitura e leitura e de todos os tipos, de boa e má qualidade tendo um vasto repertório além do olhar atendo ao redor para conseguir o máximo possível de material.

Por não ter vivenciado nenhuma catástrofe, revolução ou nada peculiar, e ter uma rotina de vida comum, Murakami revela que só podia contar com o que estava à sua volta e com isso fazia um “jogo da memória”. Nesse sentido o escritor relaciona a memória com “gavetas”, onde ela própria seleciona o que é aproveitável ou não. E é esse material que ele utiliza, ou seja, usa da memória seletiva para poder ter material para escrever até hoje. A dica do escritor é sempre estar atento no entorno para poder criar, e nomeia esse ato como “energia naturalmente renovável”, o que, segundo ele, é a chave é não perder a ambição e identificar esses “diamantes brutos” que a vida coloca em volta e fazer deles bons romances.

No sexto capítulo, Murakami vai falar ao leitor os métodos que ele desenvolveu para escrever romances. Embora escreva ensaios e contos, é no romance

que ele se expressa de melhor forma. Tem o romance como vital, mas que o conto é necessário para ele como aliado antes de escrever os romances.

O escritor diz que não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo e, por isso, estabelece uma meta diária e uma quantidade de horas para escrever. Ele desenvolve esse método porque o romance demanda muito tempo até a conclusão e como no Japão não é comum o adiantamento por parte das editoras, ele sempre acaba utilizando suas economias. Assim, com essas metas ele escreve manuscritos que equivalem a duas páginas por dia. Além disso, faz inúmeras revisões em seus textos até que expire o “estado de cura”.

O ato de reescrever é muito válido na opinião do escritor, e se orgulha de não precisar escrever com rapidez por não precisar estipular prazos e, com isso, ele pode mudar o que quiser e no tempo que quiser. Desse modo ele defende, também, a liberdade.

Com esse método, garante Murakami, as obras chegam aos seus leitores com a qualidade que ele almejou e o que lhe importa é a sensação que vem por parte deles.

No sétimo capítulo, o escritor explicita sua forma de escrever, classificando esse ato como individual porque converte algo subjetivo em algo objetivo, como deve ser a prática de um romancista, segundo ele.

Pondera a importância de um escritor ter um local adequado para a escrita. Esclarece que para manter sua rotina de escrita, adquiriu a prática de exercícios físicos. Assim, consegue deixar sua mente resistente para ter disposição e disciplina para sentar e escrever por tantas horas seguidas.

Murakami enfatiza que cada indivíduo tem sua teoria, e se essa que ele desenvolveu servir de referência para outros escritores ele fica feliz.

No oitavo capítulo, Murakami deixa claro o quão o sistema educacional o desagrada desde sempre. Nunca gostou de ir à escola (embora frequentasse) e nem de estudar, porém lia muita coisa e assistia a filmes, além de praticar esportes com frequência, o que, segundo ele, foi primordial para adquirir conhecimentos técnicos. Para o escritor, o sistema educacional só busca técnicas para que seus alunos sejam aprovados no vestibular, em especial no Japão, e considera importante a necessidade das diferentes visões no sistema educacional, diferentes visões de mundo e da forma de pensar. É o que ele chama de “sofisticação do sistema”. Critica as atitudes de professores “certinhos”, preocupados com horários, por exemplo. Aponta o bullying e os problemas sociais como motivação para modificação do método. Um método que provoque a sociedade que não tem o local de

refúgio, onde o indivíduo pudesse encontrar um acordo mais eficiente para ambas as partes e isso, segundo ele, nunca funcionou. Um local de refúgio onde pudessem afastar-se dessa hierarquia, do bullying e desse sistema, ato que ele chama de “espaço para recuperação do indivíduo”. Para o escritor, seria importante ver o mundo por outras perspectivas e expressa seu desejo de um dia as escolas não suprimirem a imaginação das crianças, sendo uma escola plena e livre.

No nono capítulo, Murakami fala sobre a criação dos seus personagens. Revela ao leitor que, no início, eles não tinham nome por considerar um ato falso. Somente mais tarde viu a necessidade de nomeá-los para não confundir o leitor já que seus romances ficaram longos, mas que, mesmo assim, só criava personagens de caráter íntegro. Os personagens de caráter duvidoso ou de má índole foram criados a partir de suas experiências com pessoas próximas que o traíram ou o decepcionaram.

O receio de nomear seus personagens era a possibilidade de algum leitor se identificar na história. Tanto que ele escrevia sempre em primeira pessoa, mas hoje em dia consegue mesclar entre primeira e terceira pessoa. Mesmo com todo esse tempo, Murakami diz que ainda há muito a aprender *com* e *dos* personagens dos seus romances.

É no décimo capítulo que o escritor vai revelar ao leitor que nunca pensou em um público alvo no momento da escrita dos seus romances. À essa prática ele dá o nome de *autocura* que é onde o escritor ele faz a autocorreção dele mesmo e por causa dessa autocorreção, seus romances surgiram naturalmente.

Só começou a se preocupar com o público alvo após ter ganhado seu primeiro prêmio literário e por consequência ter certa responsabilidade.

No início, Murakami tinha a teoria do “escrever para se sentir bem” e diante disso recebeu duras críticas, inclusive de um crítico renomado que questionava o teor literário de suas obras, fato que não o abalou. Mas com o passar do tempo, esse “se sentir bem” começou a preocupá-lo, porque assim ele começaria a escrever sempre as mesmas coisas o que causaria cansaço em seus leitores.

Começou a buscar seu estilo próprio de escrever, algo que só ele conseguisse fazer. Para dedicar-se totalmente à escrita dos romances, mudou totalmente seu hábito de vida e com isso começou a ter mais contato com os leitores. Hoje, com 65 anos, ele tem consciência de que seu público mudou porque sua forma de escrever também mudou.

O escritor parte do princípio de que escrever para se sentir bem é algo que agrada a ele mesmo porque sempre haverá quem critique e, assim, não adianta tentar agradar a todos. Se estiver agradando a si próprio estará evitando desgastes. Mesmo nesse “sentir-se bem” ele fica feliz em saber que suas obras são lidas por gerações e é por isso, segundo ele, que nunca desanimou e nem se deprimiu.

No décimo primeiro capítulo, Murakami expõe a trajetória de suas obras e conta que a versão em inglês de *Caçando carneiros* teve aceitação melhor do que a esperada, tanto que o New York Times fez uma resenha elogiosa e uma grande divulgação, mas que ainda assim a vendagem, segundo ele, ficou longe de ser um sucesso, o que seria diferente, em sua opinião, se naquela época já existissem os e-books e a internet. Lançou o livro *Japão em primeiro lugar* qual era um incentivo para o desenvolvimento do país, porém os americanos se interessavam pela economia do Japão e não pela cultura literária.

O escritor revela que os americanos com os quais teve contato o aconselhavam a contratar agentes locais e publicar seus livros em grandes editoras se quisesse ser bem sucedido, e assim o fez, atribuindo seu sucesso à sólida influência da indústria literária.

Pelo fato de ter passado por várias experiências desagradáveis no Japão, Murakami decidiu explorar o mercado editorial em outro país o que o fez recusar vários convites dentro de seu país, como: viajar para poder escrever diário de viagens e escrever em revistas. Por sempre ser muito criticado e atacado pessoalmente no Japão, a conclusão que chegou foi de que aquilo era a “liberação da frustração” que membros da indústria literária japonesa sentiam.

Murakami expõe que foram essas adversidades que o fez procurar esses novos rumos no exterior e tomou tudo como desafio. Assim, a partir do ano 2000 as vendas cresceram significativamente e conseguiu firmar-se como escritor lá fora.

Sem poder comprovar os dados, ele atribui esse sucesso à queda do comunismo e à queda do Muro de Berlim para explicar a vendagem na Rússia e no Leste europeu.

Essa discrepância, segundo ele, deve-se à diferença e ao modo de perceber e de reagir à transformação, porque no Japão o modernismo não existiu, de fato, por não haver a separação do mundo subjetivo do objetivo como havia na sociedade ocidental.

A atribuição de seu sucesso também foi direcionada aos excelentes tradutores com quem, segundo ele, teve a sorte de trabalhar.

Murakami queria testar seu potencial no mercado estrangeiro como um escritor praticamente desconhecido e nesse território, como um desconhecido, ele fala em público, recebe jornalistas, mas justifica a atitude com sua responsabilidade de ser um “escritor japonês”

Murakami encerra o capítulo, e o livro, revelando ao leitor que ainda se considera um escritor em desenvolvimento e que essa margem é infinita. Seu próximo passo será descer para o seu interior e explorá-lo mais a fundo. É mais um desafio, e o desafio como meta é gratificante.